

Kit Gay em Rede: análise da fake news do kit gay sob a perspectiva do ciberjornalismo¹

Rafaela da Silva Bobsin²
Guilherme de Mello Vivan³
Alice de Oliveira Pissollatto⁴
Felipe Moura de Oliveira⁵

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

Na eleição 2018, Jair Bolsonaro divulgou a *fake news* do “kit gay” no Jornal Nacional e muitos acreditaram nele. Analisamos como o jornalismo reagiu aos sentidos gerados pelo caso e o categorizamos segundo o conceito de ciberacontecimento de Henn. Este artigo recapitula o caso e analisa a entrevista do Jornal Nacional e uma matéria da Folha de S. Paulo. Trata-se de um trabalho ensaístico.

PALAVRAS-CHAVE: kit gay; ciberacontecimento; jornalismo; fake news; Bolsonaro

INTRODUÇÃO

O consumo de informações tem mudado com a presença da tecnologia no dia a dia das pessoas. Antes de chegar em um veículo jornalístico, certos acontecimentos passam primeiro pelas redes sociais. Conforme Oliveira (2016) “diferentemente dos avanços tecnológicos anteriores, agora o poder da intermediação é, potencialmente, descentralizado”, isso ocorre porque todos podem divulgar informação em suas redes sociais, o que permite que pessoas comuns debatam pautas que não teriam atenção do jornalismo convencional, resultando em uma crise no jornalismo como produtor de sentidos (Oliveira, 2016). Outro reflexo deste contexto midiático ocorreu na pandemia de COVID-19, quando a Organização Pan-Americana de Saúde (2020) alegou uma infodemia – sobrecarga de informações sobre determinado assunto – que atrapalhava os cuidados em saúde. Embora a pandemia tenha acabado, ainda sofremos com infodemia sobre diferentes temas. Antes disso, Claire Wardle (2023) já chamava atenção para o contexto de desordem informacional gerado pelas informações falsas, maliciosas, pela desinformação e pelos “filtros de bolha” e “câmaras de eco” criadas pelos algoritmos.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho “Desinformação no Ecosistema Midiático”, evento integrante da programação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024.

² Estudante de Graduação do 4º semestre do Curso de Jornalismo da UFRGS, email: bobsin.rafaelas@gmail.com.

³ Estudante de Graduação do 4º semestre do Curso de Jornalismo da UFRGS, email: gui.m.vivan@hotmail.com

⁴ Estudante de Graduação do 4º semestre do Curso de Jornalismo da UFRGS, email: alicepissollatto@gmail.com

⁵ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFRGS, e-mail: felipecomunica@gmail.com.

Este contexto tecnológico complexo gera uma dicotomia entre sobrecarga de informações e restrição de acesso, devido aos algoritmos. Neste cenário, diversas campanhas políticas utilizaram informações falsas ou incorretas para se fortalecer. Um destes casos é o do “kit gay” que foi amplamente utilizado durante a campanha à presidência de 2018 por Jair Bolsonaro. As alegações de “ideologia de gênero” através da distribuição do “kit gay” em escolas tomou força nas redes sociais.

Tomamos como ponto de partida a entrevista de Jair Bolsonaro no Jornal Nacional em 28 de agosto de 2018. O JN é o principal telejornal do Brasil, tendo grande repercussão e impacto no jornalismo e imaginário das pessoas. Seguido da entrevista, analisamos como a Folha de S. Paulo, um dos maiores jornais impressos e digitais no país, repercutiu os ocorridos. Para isso, abrimos a edição dos dias 28, 29 e 30 e verificamos todas as matérias com as expressões “Bolsonaro” ou “kit gay” no título. Selecionamos somente as com a expressão “kit gay” no corpo do texto.

A partir deste recorte, temos como objetivo, neste trabalho de caráter ensaístico entender como o jornalismo foi afetado pelos sentidos gerados pelo caso do “kit gay”, conceituando e entendendo ele como um cibercontecimento (Henn, 2015), a partir da apresentação de conteúdos jornalísticos que abordam a temática.

O “KIT GAY” COMO CIBERACONTECIMENTO

O termo “kit gay” refere-se pejorativamente ao projeto Escola Sem Homofobia, iniciado em 2004 pelo governo federal e liderado pelo professor Fernando Haddad. A iniciativa visava combater a violência contra a pessoas LGBT nas escolas, fornecendo materiais educativos e capacitando professores para abordar questões de gênero e sexualidade. No decorrer dos anos, o projeto foi alvo de ataques de grupos de extrema direita e foi associado a ideias de promiscuidade. Em 2011, Dilma Rousseff vetou o programa. Na campanha eleitoral de 2018, Jair Bolsonaro disseminou informações falsas sobre o projeto, atribuiu equivocadamente ao “kit gay” um livro chamado “Aparelho Sexual e Cia.” e utilizou mentiras relacionadas ao projeto para enfraquecer Fernando Haddad, seu oponente (Berni; Guerra, 2019).

Classificamos o “kit gay” como cibercontecimento, pois, como afirma Ronaldo Henn, “são midiáticos, por natureza, e produzem narrativas específicas que, dependendo do grau de conectividade e compartilhamento que geram, transformam-se em pautas

para o jornalismo” (Costa, 2014). Além de surgir no ambiente digital, sua força nas redes impulsionou sua cobertura jornalística. Este ciberacontecimento também gerou sentidos difusos. Parte das pessoas alegava que o “kit gay” era um livro, outros que era um projeto maior. Há também a inversão no agendamento: embora tenha sido um projeto governamental que poderia ter repercussão jornalística, ele só tomou força no jornalismo pela repercussão e polêmicas nas redes.

Podemos identificar algumas das características definidas por Castells⁶ (2013, apud Oliveira, p. 57-58, 2016) dos fenômenos contemporâneos de organização e intervenção social. As principais que identificamos são: conexão em plataformas múltiplas; iniciam na internet – entretanto não foi um movimento que causou por si só ocupação de um espaço urbano –; local e global – alguns períodos em que o movimento tomou força coincidem com o fortalecimento de discursos semelhantes feitos por políticos da direita de forma global –; viral; companheirismo. Percebe-se também que o “kit gay” se encaixa na categoria do ciberjornalismo de subjetividades, segundo Henn⁷ (2015), pois aborda um campo delicado. A *fake news* do “kit gay” envolve questões de sexualidade e educação, que são áreas onde opiniões e experiências individuais desempenham um papel significativo.

Algumas das características não se encaixam por ser um movimento de cunho conservador, no qual o objetivo era impedir que uma ferramenta de mudança social chegasse às escolas. Ao mesmo tempo, ao menos uma parte dos integrantes do movimento, conspiracionistas, entendiam que a inserção de pessoas LGBTs fazia parte do status quo e que o retorno aos “valores da família” é revolucionário.

COMO O JORNALISMO REAGIU AO KIT GAY

Em 2018, o Jornal Nacional da Globo veiculou entrevistas com os candidatos que possuíam mais intenção de votos. Dentre elas, a entrevista com Jair Bolsonaro em que ele divulgou a fake news do “kit gay”. Em determinado momento, Bolsonaro afirma que, em novembro de 2010, teria acontecido o “nono seminário LGBT infantil”. Na verdade, o tema da nona edição do seminário LGBT era “Infância e Sexualidade” (Carta

⁶ CASTELLS, M. **Redes de Indignação e Esperança: Movimentos sociais na era da internet**. São Paulo: Zahar, 2013

⁷ Henn divide o ciberjornalismo em seis categorias: mobilizações globais, protestos virtuais, exercícios de cidadania, afirmações culturais, entretenimentos e subjetividades.

Capital, 2018). O ex-presidente não foi corrigido. O candidato disse que os participantes do seminário comemoravam materiais do “kit gay”, como o livro “Aparelho Sexual e Cia”, que ele retira de seus papéis e anotações e mostra para a câmera. Ele falou, ainda, que o livro estava em bibliotecas de escolas públicas. Todavia, o MEC nunca teve algum exemplar da obra (Brandino; Pessoa; Molinero, 2018).

A edição do programa trocou os planos para tirar o livro de evidência até o ex-presidente abaixá-lo. Bonner apontou que não mostrar documentos é uma regra pré-estabelecida da entrevista. Bolsonaro afirma que vai mostrar o livro em uma live depois do programa. Ele aproveita a estrutura do jornalismo para divulgar seus próprios meios de comunicação e produção de sentido. Ele quebra as regras, surpreende os jornalistas e conduz um espetáculo próprio.

Quando Bonner não permite que Bolsonaro mostre o livro, o jornalismo se recusa a abordar o fato. Isso não é novo, o jornalismo decide quais acontecimentos noticiar de acordo com valores-notícia. O que não é abordado torna-se, de acordo com Santaella⁸ (2008, apud Oliveira, p. 16, 2016), sobras. Mas, no contexto comunicacional atual, as sobras passam a ser significadas por sistemas de produção alheios ao jornalismo, como as lives do Bolsonaro. Criando uma disputa de sentido entre o jornalismo e novos atores que não tinham poder comunicacional. Assim, Bolsonaro consegue construir uma narrativa comprovadamente falsa que influencia as eleições.

Além disso, como apontado por Henry Jenkins em “Cultura da Convergência”, o consumidor não é mais previsível e isolado, mas migra entre as mídias e conteúdo, está conectado e ele próprio produz discurso, não fica calado. Isso quer dizer que, enquanto assistia a entrevista, muitos espectadores estavam com o celular na mão, falando sobre os temas no Twitter ou no WhatsApp, conferindo alguma informação. E o fato de não haver conteúdo jornalístico desmentindo Bolsonaro no momento do programa (ao menos nenhum em alta) é problemático porque a *fake news* já estava na internet para reafirmar as falas do candidato.

A *fake news* emplacada por Bolsonaro é uma de falso contexto (Derakhshan et Wardle apud Gehrke et Benetti). São fatos ou imagens verdadeiros tirados de contexto para gerar uma inverdade. O seminário e o livro existem, mas Bolsonaro distorce os fatos e adiciona informações falsas. Ancorar a *fake news* em fatos verdadeiros ajuda no

⁸ SANTAELLA, L. **A Teoria Geral dos Signos**: como as linguagens significam as coisas. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

estabelecimento de confiança e indução do interlocutor à crença.

Para entender como o webjornalismo tratou o fato, analisaremos a primeira matéria que a Folha de S. Paulo postou sobre o “kit gay”, no título: “Eleitor de Bolsonaro celebra embate com a Globo, critica a kit gay e defesa de polícia letal”⁹. A matéria é um painel com várias notícias curtas. A primeira notícia, dentre as 15 compiladas, é sobre o kit gay. Isso demonstra que os jornalistas identificaram seu valor-notícia e decidiram destacá-la.

Tanto em 2018 quanto atualmente, há uma dificuldade do jornalismo em combater as *fake news* e competir com as “notícias” vindas de redes sociais. O kit gay foi um ciberacontecimento que influenciou as eleições presidenciais de 2018. E, embora o jornalismo tenha abordado o assunto, demorou e não foi eficaz em mostrar que as informações eram falsas e, dessa forma, os discursos de ódio se fortaleceram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que diversos trabalhos envolvendo o “kit gay” já foram realizados, como é o caso de (Berni; Guerra, 2019) (Guazina; Leite, 2021) (Maia, 2021). Entretanto, devido ao cenário de desinformação atual, mostrado no início do trabalho, continua sendo de extrema importância debater o tema.

Ao perceber o caso enquanto ciberacontecimento, podemos analisá-lo levando em conta a sua natureza digital, aspecto muitas vezes desconsiderado. É notável a demora do jornalismo, seja ele nos meios tradicionais ou na web, em desmentir o ocorrido. Faz-se necessário a discussão de procedimentos que aumentem a eficácia do jornalismo no combate a informações falsas, como adequação das matérias aos ambientes digitais para melhor entrega do conteúdo jornalístico em detrimento de informações falsas. Questões como essa devem continuar em debate a partir de diferentes teorias.

REFERÊNCIAS

Ao Jornal Nacional, Bolsonaro inventa ‘9º seminário LGBT infantil’. **Carta Capital**, São Paulo, ago. 2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/a-globo-bolsonaro-distorce-fatos-e-cria-o-9o-seminario-lgbt-infantil/>. Acesso em 24 de abr. de 2024.

BERNI, Felipe C; GUERRA, Vanessa C. Do Programa Escola Sem Homofobia ao “Kit Gay”:

⁹ <https://painel.blogfolha.uol.com.br/2018/08/29/eleitor-de-bolsonaro-celebra-embate-com-a-globo-critica-a-kit-gay-e-defesa-de-policia-letal/>

uma análise de discurso e representação através da cobertura jornalística. *In*: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 20., 2019, Porto Alegre. **Anais eletrônicos** [...] São Paulo: Intercom, 2019. p. 1-12. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sul2019/resumos/R65-0280-1.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2024.

BRANDINO, Gêssica; PESSOA, Gabriela Sá; WENZEL, Fernanda; MOLINERO, Bruno. Livro exibido por Bolsonaro nunca foi adotado pelo MEC, diz editora. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 29 ago. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/08/livro-exibido-por-bolsonaro-nunca-foi-adotado-pelo-mec-diz-editora.shtml>. Acesso em: 21 abr. de 2024

COSTA, Andriolli. Midiático por natureza - A construção do cibercontencimento. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, jun. 2014. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/5567-ronaldo-henn-4>. Acesso em: 23 abr. 2024.

GEHRKE, Marília; BENETTI, Marcia. A desinformação no Brasil durante a pandemia de Covid-19: temas, plataformas e atores. **Revista Fronteiras - estudos midiáticos**. Porto Alegre, ago. 2021. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/download/22527/60748740>. Acesso em: 06 jan. 2024

GUAZINA, Liziane Soares; LEITE, Ana Gabriela Guerreiro. Frame sponsorship e populismo de direita no Brasil: o “kit gay” na Folha de S.Paulo. **Líbero**, São Paulo, n. 48, p. 73-99, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1517>. Acesso em: 24 abr. 2024.

HENN, R. Seis categorias para o cibercontencimento. *In*: NAKAGAWA, R. M.; SILVA, A. R. (Org.). **Semiótica da Comunicação II**. São Paulo: INTERCOM, 2015. v. 2, p. 208-227.

JENKINS, Henry. Introdução: “venere no altar da convergência”. *In*: _____. (org.). **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009. p. 27-53.

MAIA, André Olímpio Resende. **Eleição presidencial de Bolsonaro e jornalismo no contexto digital: discursos e opinião pública**. Orientador: Luís Augusto de Carvalho Mendes. 2020. 110 f. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/25830>. Acesso em: 24 abr. 2024.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na Web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual**. Orientador: Prof. Dr. Marcos Palacios. 2012. 246 f. Tese (Doutorado) – Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/6057>. Acesso em 08 jan 24.

OLIVEIRA, Felipe Moura de. **A semiose da notícia em ambiente de crise movimentos em rede e mediação na semiosfera contemporânea**. Orientador: Ronaldo Cesar Henn. 2016. 206 f. Tese (Doutorado) – Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2016. Disponível em: <http://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/5372>. Acesso em: 23 abr. 2024.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. Infodemia tem tornando resposta às emergências de saúde ainda mais difícil, afirma OPAS em aula inaugural de pós-graduação de comunicação em saúde. **OPAS**, [S.L.], 14, ago. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/14-8-2020-infodemia-tem-tornando-resposta-emergencias-sau-de-ainda-mais-dificil-afirma-opas>. Acesso em: 23 abr. 2024.

WARDLE, Claire. **Desordem Informacional: para um quadro interdisciplinar de investigação e elaboração de políticas públicas**. Campinas: Unicamp, 2023. Disponível em: <https://rm.coe.int/desordem-informacional-livro-prova-04/1680ab5bf7>. Acesso em: 23 abr. 2024.